A formação do analista: clínica do feminino, violência e laço social

Tatiana Borsoi

Resumo

Este artigo propõe que a clínica do feminino demanda que a formação do analista inclua a leitura da violência como gramática social da sociedade contemporânea, pois não há trabalho analítico com mulheres sem considerar a estrutura discursiva que atravessa seus corpos, seus laços e seus modos de gozo. Sustenta que a violência contra a mulher não pode ser compreendida apenas como acontecimento individual ou contingente, mas como efeito estrutural do laço social organizado pelo discurso do capitalista, cuja lógica de captura do gozo incide de modo privilegiado sobre o corpo feminino. A tese é desenvolvida a partir de três eixos principais: a formalização lacaniana do discurso do capitalista, a teoria da sexuação e da lógica do não-todo, e a genealogia histórica da expropriação do corpo feminino proposto por Silvia Federici. A partir dessa articulação, o artigo extrai consequências para a formação do analista, compreendida não apenas como transmissão técnica ou ética individual, mas como construção de uma posição capaz de operar no laço social a partir da leitura da violência como gramática do gozo, incidindo sobre os modos de subjetivação que atravessam o feminino na contemporaneidade.

Palavras-chave:

Clínica do feminino; Violência contra a mulher; Discurso do capitalista; Formação do analista; Laço social.

The training of the analyst: the clinic of the feminine, violence, and the social bond

Abstract

This article proposes that the clinic of the feminine requires that the training of the analyst include a reading of violence as a social grammar of patriarchal society, since there can be no analytic work with women without considering the discursive structure that traverses their bodies, their bonds, and their modes of jouissance. It

argues that violence against women cannot be understood merely as an individual or contingent event, but rather as a structural effect of the social bond organized by capitalist discourse, whose logic of capturing jouissance operates in a particularly intense way on the female body. The thesis is developed through three main axes: the Lacanian formalization of capitalist discourse, the theory of sexuation and the logic of the not-all, and the historical genealogy of the expropriation of the female body proposed by Silvia Federici. From this articulation, the article derives consequences for the training of the analyst, understood not merely as technical transmission or individual ethics, but as the construction of a position capable of operating in the social bond through a reading of violence as a grammar of jouissance, shaping the modes of subjectivation that traverse the feminine in contemporary society.

Keywords:

Clinic of the feminine; Violence against women; Discourse of the capitalist; Training of the analyst; Social bond.

La formación del analista: clínica de lo femenino, violencia y lazo social

Resumen

Este artículo propone que la clínica de lo femenino exige que la formación del analista incluya una lectura de la violencia como gramática social de la sociedad patriarcal, pues no hay trabajo analítico con mujeres sin considerar la estructura discursiva que atraviesa sus cuerpos, sus lazos y sus modos de goce. Sostiene que la violencia contra las mujeres no puede comprenderse únicamente como un acontecimiento individual o contingente, sino como un efecto estructural del lazo social organizado por el discurso capitalista, cuya lógica de captura del goce incide de manera privilegiada sobre el cuerpo femenino. La tesis se desarrolla a partir de tres ejes principales: la formalización lacaniana del discurso del capitalista, la teoría de la sexuación y de la lógica del no-todo, y la genealogía histórica de la expropiación del cuerpo femenino propuesta por Silvia Federici. A partir de esta articulación, el artículo extrae consecuencias para la formación del analista, comprendida no solo como transmisión técnica o ética individual, sino como construcción de una posición capaz de operar en el lazo social a partir de la lectura de la violencia como gramática del goce, incidiendo en los modos de subjetivación que atraviesan lo femenino en la contemporaneidad.

Palabras clave:

Clínica de lo femenino; Violencia contra las mujeres; Discurso del capitalista; Formación del analista; Lazo social.

La formation de l'analyste : clinique du féminin, violence et lien social

Résumé

Cet article propose que la clinique du féminin exige que la formation de l'analyste inclue une lecture de la violence comme grammaire sociale de la société patriarcale, puisqu'il n'y a pas de travail analytique avec les femmes sans prendre en compte la structure discursive qui traverse leurs corps, leurs liens et leurs modes de jouissance. Il soutient que la violence contre les femmes ne peut être comprise uniquement comme un événement individuel ou contingent, mais comme un effet structurel du lien social organisé par le discours du capitaliste, dont la logique de capture de la jouissance opère de manière privilégiée sur le corps féminin. La thèse se développe à partir de trois axes principaux : la formalisation lacanienne du discours du capitaliste, la théorie de la sexuation et de la logique du pas-tout, et la généalogie historique de l'expropriation du corps féminin proposée par Silvia Federici. À partir de cette articulation, l'article dégage des conséquences pour la formation de l'analyste, comprise non seulement comme transmission technique ou éthique individuelle, mais comme construction d'une position capable d'opérer dans le lien social à partir d'une lecture de la violence comme grammaire de la jouissance, agissant sur les modes de subjectivation qui traversent le féminin dans la contemporanéité.

Mots-clés :

Clinique du féminin ; Violence contre les femmes ; Discours du capitaliste ; Formation de l'analyste ; Lien social.

Introdução

A violência contra a mulher constitui um dos fenômenos mais persistentes e graves da cena contemporânea. Apesar da ampla produção acadêmica e das políticas públicas voltadas ao seu enfrentamento, ainda é frequente tratada como desvio individual, o que obscurece sua dimensão estrutural no laço social.

A psicanálise, desde Freud, desloca essa leitura normativa. Em "O mal-estar na civilização", Freud (1930/1996) demonstra que a agressividade não é um acidente, mas um efeito estrutural do conflito entre pulsão e laço social. No entanto, se em Freud esse conflito ainda se organiza sob o regime do recalque e da lei, a contemporaneidade apresenta novas configurações, nas quais o simbólico se fragiliza e o gozo tende a se apresentar de modo menos mediado, incidindo diretamente sobre os corpos e os laços.

O objetivo geral deste artigo é investigar de que modo a clínica demanda que a formação do analista inclua uma leitura da violência como gramática social da sociedade contemporânea. Como objetivos específicos, propõe-se: articular a formalização do discurso do capitalista, tal como elaborada por Jacques Lacan, à compreensão contemporânea da violência; analisar a lógica do não-todo e suas implicações para a modernidade, na medida em que introduz um ponto de gozo não totalizável que resiste à captura pelos dispositivos discursivos, incidindo, no laço social, como aquilo que tende a ser violentamente tratado; e situar, a partir de Silvia Federici, a violência contra as mulheres como elemento constitutivo da modernidade capitalista, na medida em que é historicamente reconfigurada como condição de possibilidade da acumulação capitalista e da reprodução das relações sociais que a sustentam.

Essa tese desdobra-se na ideia de que não há trabalho analítico com mulheres que não considere a estrutura discursiva que atravessa seus corpos, seus laços e seus modos de gozo. Essa tese implica deslocar a violência contra a mulher do registro do evento individual para o registro do laço social, compreendendo-a como efeito estrutural de discursos que organizam o gozo, a alteridade e as posições subjetivas na cultura.

Entende-se, neste trabalho, o feminino como uma posição lógica, tal como formalizada por Jacques Lacan a partir da lógica do não-todo, não se confundindo com a categoria empírica "mulheres", compreendida em sua dimensão histórica e social.

Assim, falar em uma escuta de mulheres significa sustentar que certos modos de sofrimento, bem como determinadas modalidades de gozo e de violência, comparecem de forma insistente nesse campo, exigindo do analista uma leitura que inclua a dimensão discursiva e histórica em jogo, sem jamais perder de vista que se trata, em última instância, do sujeito do inconsciente.

Para desenvolver essa tese, o artigo se organiza em três momentos: inicialmente, apresenta-se a formalização lacaniana do discurso do capitalista; em seguida, examina-se a teoria da sexuação e a lógica do não-todo; por fim, articula-se essa leitura à genealogia histórica da expropriação do corpo feminino proposta por Federici. A partir dessa articulação, extraem-se consequências para a formação do analista, compreendida como construção de uma posição capaz de operar no laço social a partir da leitura da violência como gramática do gozo, incidindo sobre os modos de subjetivação que atravessam o feminino na contemporaneidade.

O discurso do capitalista e a reconfiguração do laço social

Lacan introduz o discurso do capitalista como uma modificação do discurso do mestre, caracterizada pela inversão dos lugares do sujeito dividido ($) e do objeto *a*, produzindo uma circulação acelerada e aparentemente sem entraves entre saber, gozo e produção. Trata-se de um arranjo extremamente engenhoso,

pois contorna o limite da castração ao oferecer objetos que prometem tamponar a falta estrutural.[1] No entanto, essa mesma eficiência carrega em si sua própria fragilidade: ao operar sem limites claros, o sistema se intensifica continuamente. O resultado é um gozo que não sustenta os laços sociais, mas apenas mantém o sujeito preso a uma circularidade em torno do objeto (Lacan, 1972-1973/1985a).

Diferentemente dos quatro discursos clássicos, o discurso do capitalista se distingue por sua recusa estrutural da castração e pela promessa de satisfação ilimitada, operando como um discurso sem perda, sem limite e sem impossibilidade.

Lacan aponta que o discurso é o que funda e regula o laço social, funcionando como uma forma de organizar a relação entre sujeitos, saber e gozo (Lacan, 1969-1970/1992). O discurso do capitalista, ao curto-circuitar a função da falta, transforma o laço social em um circuito de consumo de objetos, no qual o sujeito é constantemente convocado à satisfação e simultaneamente produzido como resto dessa mesma operação.

Miller e Laurent (2005) denomina esse contexto como a era do Outro que não existe, na qual não há mais garantia simbólica capaz de ordenar o desejo ou estabilizar as identificações. Laurent (2007) acrescenta que vivemos em uma sociedade do sintoma, na qual o mal-estar não se apresenta mais sob a forma clássica do conflito neurótico, mas sob a forma de desregulação do gozo, *acting out*, passagens ao ato e manifestações violentas.

Nesse cenário, o discurso do capitalista não apenas organiza o consumo, mas reconfigura as modalidades de subjetivação, os modos de gozo e as formas de violência. Não se afirma que a violência contra as mulheres tenha origem no capitalismo, o que se propõe é que o discurso do capitalista, conforme Lacan, reconfigura sua incidência ao enfraquecer a mediação simbólica, recusar a castração e intensificar a lógica de captura do gozo. Nesse contexto, a violência adquire uma função específica: garantir a disponibilidade, regulação e exploração dos corpos femininos em uma lógica de produção e consumo de gozo. A violência tornar-se gramática recorrente do laço social, efeito de um discurso que, ao prometer tudo, elimina o lugar da perda, da espera, da mediação e da palavra. Trata-se de uma lógica que não apenas tolera, mas produz formas específicas de violência, ao transformar o outro em objeto e ao reduzir o laço social a uma relação de uso, consumo e descarte, incidindo de modo privilegiado sobre os corpos femininos.

---

1 Lacan destaca a inteligência desse discurso, referindo-se à sua capacidade de contornar a castração, criar novos objetos de desejo (mais-de-gozar) e mover a economia baseada no consumo. Ele argumenta que esse funcionamento é insustentável a longo prazo, pois se consome tão rápido que se consuma (acaba). É uma lógica que produz um "gozo" sem limite, um "gozo do idiota", que não cria laço social real, mas apenas circula em torno do objeto. A "astúcia" consiste em enganar o sujeito, fazendo-o acreditar que o objeto de consumo trará completude, quando na verdade o discurso capitalista se baseia na insatisfação permanente.

Feminino, não-todo e gramática da violência

A abordagem lacaniana da sexuação propõe uma ruptura com a ideia de que a diferença sexual poderia ser reduzida a uma lógica universalmente fálica ou a um modelo binário. Na concepção de Lacan, a posição feminina se organiza segundo o princípio do "não-todo", indicando que a mulher não se submete integralmente à função fálica (Lacan, 1972-1973/1985a). Essa lógica não designa uma identidade, mas uma posição subjetiva que implica uma relação particular com o gozo, com o corpo e com o Outro.

Soler (2005) destaca que o gozo feminino, tal como formulado por Lacan, é um gozo suplementar, não localizável, não totalizável, que escapa à significação fálica e não pode ser plenamente representado no simbólico. Trata-se de um gozo que se articula ao real, ao impossível e à alteridade radical.

Esse gozo, frequentemente denominado por Lacan como gozo Outro, não se inscreve na economia fálica da falta e da significação, mas aponta para uma dimensão de experiência que excede o campo do sentido. Diferentemente do gozo fálico, que se organiza em torno da castração e da lógica da totalização, o gozo Outro se situa do lado do não-todo, implicando uma relação com o corpo e com o real que não pode ser inteiramente simbolizada. Trata-se, portanto, de um gozo que não se deixa regular pela função fálica nem capturar integralmente pelo discurso, introduzindo no laço social um ponto de alteridade radical que escapa às tentativas de ordenação, regulação e controle.

O não-todo introduz um ponto de impossível no laço social, isto é, um ponto que escapa à simbolização, à regulação e à captura pelo discurso. Em uma organização social marcada pela recusa da falta e pela exigência de completude, esse ponto torna-se insuportável como efeito da dificuldade contemporânea de sustentar o impossível.

Brousse (2019) acrescenta que o feminino, longe de se reduzir à mulher empírica, designa uma posição lógica que atravessa os discursos, interrogando os modos de laço social e de subjetivação.

No entanto, quando essa lógica é capturada pelo discurso do capitalista, ela tende a ser reduzida à função de objeto de gozo. O corpo feminino, historicamente situado como lugar de reprodução, de cuidado e de trabalho invisibilizado, torna-se alvo privilegiado de consumo, normatização e violência. O não-todo é então recodificado como excesso, disponibilidade e oferta permanente ao gozo do Outro.

É nesse ponto que propomos compreender a violência contra a mulher como gramática social da sociedade contemporânea, isto é, como linguagem estrutural que organiza posições, lugares, expectativas, gozos e modos de sofrimento. Toda mulher está, em alguma medida, inscrita nessa gramática, ainda que não tenha

sofrido violência direta, pois ela estrutura as condições simbólicas, imaginárias e reais de sua subjetivação.

Assim, como a clínica psicanalítica se posiciona diante dessas estruturas? Formamos analistas capazes de perceber o sujeito além do intrapsíquico, atentos aos efeitos do discurso e do laço social sobre sua experiência? Até que ponto corremos o risco de psicologizar o que é estrutural, individualizar o que é discursivo ou patologizar o que emerge da organização social do gozo? E, diante desse cenário, como se repensa a própria formação do analista em face da clínica.

Diante desses desafios, é preciso adotar uma leitura que não se limite ao sujeito isolado, mas que reconheça como suas experiências estão atravessadas pelo laço social e pelas estruturas discursivas. Nesse sentido, a violência contra a mulher se manifesta na interseção entre dimensões pulsionais e modos históricos de organização social, exigindo que a clínica contemporânea articule cuidadosamente essas dimensões.

A leitura da violência como efeito do laço social não exclui sua dimensão pulsional. Ao contrário, implica articulá-la à pulsão de morte, tal como formulada por Freud, enquanto tendência à destruição que atravessa tanto o sujeito quanto a cultura. A violência contra a mulher pode, assim, ser situada na interseção entre essa dimensão pulsional e os modos históricos e discursivos de sua organização no laço social. Longe de se reduzir à destrutividade empírica, a pulsão de morte designa uma compulsão à repetição e uma tendência à redução das tensões, podendo, no laço social, articular-se a formas de violência que visam à aniquilação da alteridade.

A partir dessas articulações, propomos situar a violência contra a mulher como efeito estrutural da articulação entre a recusa da castração própria ao discurso do capitalista e a lógica do não-todo que caracteriza a posição feminina, quando essa lógica é capturada e reduzida à função de objeto de gozo. A hipótese que orienta este trabalho é que a violência dirigida às mulheres pode ser lida, como resposta ao encontro com o não-todo, isto é, com aquilo que escapa à lógica de totalização do gozo. Em um contexto em que o discurso do capitalista promove a ilusão de completude e disponibilidade ilimitada, o encontro com um gozo que não se deixa capturar, nomear ou limitar pode operar como ponto de ruptura. A violência aparece, então, não como simples excesso pulsional, mas como tentativa de suprimir, reduzir ou eliminar aquilo que encarna o impossível. Ou seja, o ponto em que o Outro falha e o gozo não se deixa totalizar.

Brousse (2019) observa que a violência contemporânea não pode ser compreendida apenas como explosão pulsional, mas como efeito de uma desorganização do laço social, na qual o outro deixa de ser reconhecido como sujeito e passa a ser tratado como objeto. A violência não se apresenta apenas como descarga pulsio-

nal, mas como resposta ao encontro com o impossível. Quando o sujeito se depara com um ponto de gozo que não se deixa totalizar o ato violento pode surgir como tentativa de apagar esse furo, restaurando, pela via da eliminação do outro, a ilusão de um Outro consistente.

Brousse (2012) afirma que a violência emerge quando a mediação simbólica falha, e o real irrompe sob a forma do ato.[2] Nesse contexto, a violência contra a mulher pode ser lida como passagem ao ato produzida pelo colapso da mediação simbólica, quando o outro é reduzido ao estatuto de objeto a em um circuito de gozo sem limite.

Para Lacan, a passagem ao ato é uma ruptura com o campo da palavra e do laço social. Não se trata de um ato impulsivo isolado, mas de um efeito extremo de uma lógica discursiva que recusa a falta, elimina a alteridade e promove a captura do corpo como objeto de gozo.

A violência contra a mulher, assim, não é apenas violência contra um sujeito empírico, mas contra uma posição lógica que encarna a impossibilidade, a alteridade e a não totalização do gozo. Ela é violência contra o lugar do não-todo, contra o limite, contra o impossível que o discurso do capitalista se recusa a reconhecer. Nessa perspectiva, a violência constitui não apenas um problema clínico, mas um problema estrutural do laço social contemporâneo e, portanto, um ponto decisivo para a formação do analista.

Genealogia histórica da expropriação do corpo feminino

A contribuição de Silvia Federici permite inscrever a problemática da violência contra as mulheres em uma genealogia histórica estrutural. Em *Calibã e a bruxa*, Federici (2023) demonstra que a constituição do capitalismo moderno se apoiou em um vasto processo de expropriação dos corpos femininos, operado por meio da caça às bruxas, da criminalização da autonomia reprodutiva, da medicalização do parto, da desqualificação dos saberes femininos e da imposição de um regime disciplinar sobre a sexualidade e a reprodução.

Federici sustenta que a violência contra as mulheres não foi um efeito colateral da modernidade, mas um dispositivo central na reorganização das relações sociais, econômicas e simbólicas, necessário à consolidação da acumulação primiti-

2 O *real da violência* não designa aqui um acontecimento empírico, nem apenas um fenômeno social, mas aquilo que, no ato violento, escapa à simbolização, insiste como impossível de dizer e retorna sob a forma do gozo. Trata-se do real tal como formalizado por Lacan — não como realidade, mas como aquilo que "não cessa de não se escrever", marcando o ponto de falha do simbólico e de ruptura do laço social (Lacan, 1964/1985b, pp. 64-66). Essa perspectiva é amplamente trabalhada por Marie-Hélène Brousse e outros psicanalistas de orientação lacaniana na leitura da clínica contemporânea, ao situar a violência na articulação entre gozo, discurso e impossibilidade de simbolização (Brousse, 2012, 2019).

va.[3] O corpo feminino foi transformado em território de apropriação, regulação e controle, sendo simultaneamente capturado como força produtiva invisibilizada e desqualificado como fonte legítima de saber, autonomia e potência.

Essa genealogia permite compreender que a violência contra a mulher não é um fenômeno recente nem contingente, mas um elemento constitutivo da modernidade capitalista. O que Lacan formaliza estruturalmente como discurso do capitalista encontra, na análise histórica de Federici, suas condições materiais, políticas e simbólicas de possibilidade. Trata-se de uma continuidade estrutural entre a expropriação histórica do corpo feminino e sua captura contemporânea pelo discurso do capitalista, que transforma o corpo em objeto de consumo, de normatização e de gozo.

Nesse sentido, a violência pode ser pensada não como excesso ou desvio, mas como linguagem disciplinar constitutiva do laço social moderno, o que permite articulá-la à noção de gramática social do gozo. Federici mostra que a violência operou historicamente como tecnologia de organização dos corpos, dos tempos, dos afetos e das funções atribuídas às mulheres, estruturando posições subjetivas e modalidades de sofrimento que permanecem ativas na contemporaneidade.

Se o patriarcado organiza historicamente a apropriação e a regulação dos corpos femininos, o discurso do capitalista introduz uma nova lógica de exploração, na qual esses corpos são também capturados como objetos de consumo e de gozo. A violência, nesse contexto, não é exterior a essas formações, mas participa de sua sustentação, operando como mecanismo de regulação, coerção e manutenção de determinadas posições no laço social.

Essa articulação entre psicanálise e genealogia histórica não visa a sociologizar a clínica, mas situar o sujeito no interior de uma estrutura discursiva que antecede e excede sua experiência individual. Trata-se de compreender como as formas contemporâneas de gozo, violência e subjetivação se inscrevem em uma história de expropriação do corpo feminino e como essa história se atualiza, sob novas roupagens, no laço social organizado pelo discurso do capitalista.

Formação do analista e clínica do feminino

A formação do analista, desde Freud e Lacan, não se funda na aquisição de um saber positivo, mas no encontro com o real da própria análise. Lacan, ao afirmar que o analista não se autoriza senão de si mesmo e de alguns outros, indica que a

3 Na tradição marxista, a acumulação primitiva designa o processo histórico que permitiu a emergência do capitalismo por meio da expropriação violenta dos meios de produção. Silvia Federici amplia esse conceito, ao demonstrar que a acumulação primitiva incluiu a expropriação sistemática do corpo feminino, a criminalização da autonomia das mulheres e a institucionalização de uma nova ordem patriarcal.

formação implica uma transformação da posição subjetiva, e não uma aprendizagem técnica (Lacan, 1964/1985b).

No entanto, sustentamos que nos dias atuais, essa formação deve incluir, de modo explícito, uma leitura da violência como gramática social que atravessa as estruturas contemporâneas, em especial nas experiências das mulheres. Não se trata de propor uma "clínica do feminino" como especialidade ou recorte temático da psicanálise, mas de interrogar a incidência da lógica do não-todo na clínica: observar como a posição feminina, como posição lógica, manifesta-se nos modos de sofrimento, de gozo e nos laços sociais, todos atravessados pelas múltiplas formas de violência presentes na experiência contemporânea de mulheres.

Em segundo lugar, implica formar analistas capazes de ler o laço social e os discursos que organizam o gozo, reconhecendo que o sofrimento não se produz apenas no interior do sujeito, mas no entrelaçamento entre sujeito e discurso. A violência contra a mulher, nesse sentido, não pode ser tratada como simples contingência clínica, mas como efeito estrutural de uma gramática social que atravessa os corpos, os laços e os modos de gozo.

Em terceiro lugar, a formação do analista na contemporaneidade exige uma elaboração crítica do discurso do capitalista e de seus efeitos sobre a própria psicanálise, particularmente no que diz respeito a violência contra mulheres. A mercantilização da formação, a protocolização da prática e a exigência de resultados rápidos e mensuráveis tendem a neutralizar a singularidade da experiência analítica, justamente nos pontos em que o sujeito se confronta com o real do gozo, do corpo e da violência. Como adverte Miller e Laurent (2005), na era do Outro que não existe, intensifica-se a tentação de substituir a ética pela técnica e a singularidade pela norma. Risco especialmente grave quando se trata de escutar o sofrimento feminino atravessado por uma gramática social de violência.

Formar analistas, nesse contexto, implica resistir à redução da formação a um currículo, a um conjunto de competências ou a um treinamento técnico, reafirmando seu caráter ético, clínico e subjetivo. Implica, ainda, sustentar a função analítica nos pontos em que o discurso dominante opera por curto-circuito, promovendo a ligação direta entre sujeito e objeto sem mediação simbólica, precisamente onde a violência tende a emergir como resposta ao impossível.

Psicanálise, civilização e trabalho do limite

A articulação entre clínica do feminino, violência e formação do analista recoloca, de modo renovado, a relação entre psicanálise e civilização. Em "O mal-estar na civilização", Freud (1930/1996) concebe a cultura como trabalho permanente de contenção e transformação da pulsão, introduzindo limites, mediações e formas simbólicas de tratamento do gozo. Nesse sentido, a psicanálise pode ser com-

preendida como parte desse trabalho civilizatório, não no sentido moral, normativo ou adaptativo, mas no sentido de introduzir a palavra, a falta e o limite ali onde o discurso dominante promove a captura, o excesso e a violência.

Lacan radicaliza essa perspectiva ao afirmar que a ética da psicanálise é uma ética do desejo, orientada pela falta, pela castração e pelo impossível (Lacan, 1959-1960/1997). Essa ética se opõe frontalmente à lógica do discurso do capitalista, que promete satisfação ilimitada, elimina a falta e transforma o desejo em demanda de objetos.

Nesse sentido, a clínica analítica opera como trabalho de civilização do gozo, ao reinscrever o sujeito na ordem da palavra, do desejo e da alteridade. No campo da clínica, esse trabalho implica sustentar a palavra onde há ato, o limite onde há excesso e a alteridade onde há redução do outro a objeto.

Conclusão

Ao longo deste artigo, investigou-se de que modo a clínica contemporânea exige que a formação do analista inclua uma leitura da violência como gramática social. Demonstrou-se que não há trabalho analítico com mulheres que possa prescindir da consideração das estruturas discursivas que atravessam seus corpos, seus laços e seus modos de gozo, deslocando a violência contra a mulher do registro do evento individual para o registro do laço social.

Essas articulações impõem consequências decisivas para a formação do analista. Formar analistas implica sustentar uma posição capaz de operar não apenas no individual, mas no ponto em que o sujeito é atravessado pelo discurso, pelo gozo e pela violência que organizam o laço social contemporâneo. Implica formar sujeitos capazes de ler o sofrimento não como falha individual, mas como efeito de uma gramática social que atravessa os modos de subjetivação do feminino.

Nesse sentido, a psicanálise se reinscreve como trabalho de civilização do gozo, não por moralizar ou adaptar, mas por sustentar a palavra onde há ato, o limite em que há excesso e a alteridade em que o discurso dominante promove a captura do outro como objeto. Formar analistas, hoje, é sustentar o impossível em uma época que promete tudo: manter aberto o lugar da falta no qual o discurso dominante oferece apenas objetos e preservar a palavra onde a violência tenta impor o ato.

Referências bibliográficas

Brousse, M.-H. (2011). O real da violência. *Lacaniana*, (XX).

Brousse, M.-H. (2012, junho). O que é uma mulher? *Latusa Digital, 9*(49).

Brousse, M.-H. (2019). *Mulheres e discursos* (Vol. 15). Rio de Janeiro: Contra Capa. (Coleção Opção Lacaniana)

Federici, S. (2023). *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva* (Coletivo Sycorax, Trad.) (2a ed. rev. e ampl.). São Paulo: Elefante.

Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)

Lacan, J. (1985a). *O seminário, livro 20: mais, ainda* (J.-A. Miller, Org., & M. D. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)

Lacan, J. (1985b). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (J.-A. Miller, Org., & M. D. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1973 [1964])

Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (J.-A. Miller, Org., & A. Roitman, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)

Lacan, J. (1997). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (J.-A. Miller, Org.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960)

Lacan, J. (2003). Do discurso psicanalítico [conferência de Milão de 12 de maio de 1972]. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 514-528). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1972)

Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia* (J.-A. Miller, Org.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)

Laurent, É. (2007). *A sociedade do sintoma: a psicanálise, hoje*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

Miller, J.-A. (2010). O Outro que não existe e seus comitês de ética. In J.-A. Miller. *O outro que não existe e seus comitês de ética*. Rio de Janeiro: Zahar.

Miller, J.-A., & Laurent, É. (2005). *El Otro que no existe y sus comités de ética: seminario en colaboración de Éric Laurent*. Buenos Aires: Paidós.

Soler, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Zahar.

Recebido: 25/02/2026

Aprovado: 31/07/2026